

Childhood & philosophy

ISSN: 2525-5061 ISSN: 1984-5987

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

höller, andreas

The polylogical process model of (elementary-)philosophical education: an interdisciplinary framework that embeds P4wC into the constructivist theory of conceptual change/growth
Childhood & philosophy, vol. 19, 2023, January-December, pp. 1-23
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

DOI: https://doi.org/10.12957/childphilo.2023.70210

Available in: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512074919010



Complete issue

More information about this article

Journal's webpage in redalyc.org



Scientific Information System Redalyc

Network of Scientific Journals from Latin America and the Caribbean, Spain and Portugal

Project academic non-profit, developed under the open access initiative

andreas höller¹ university of vienna, vienna, austria orcid: https://orcid.org/0009-0008-5839-5953

abstract

Although the Philosophy for/with Children (P4wC) movement seems to have overcome two major points of criticism, these critical concerns can still be found in the literature today. The first question is whether P4wC can be placed in the field of philosophy at all, and the second asks whether children possess the cognitive abilities necessary to engage in philosophical discourse. One of the more recent articles voicing these concerns is authored by Caroline Heinrich, who describes P4wC as "an assault on philosophy and an assault on children" and argues that P4wC is a "concept imposed by adults on children." She maintains that P4wC ignores "children's thinking, questioning and play." Furthermore, Heinrich states that P4wC cannot be called philosophy because children are not able to philosophize. In most of her argumentation, refering to Jan Piaget's theoretical account of the cognitive development of children. Although the P4wC discourse has already dealt with these questions over the last few decades, it seems that there is still a need for further clarification. This paper provides an overview of the main points of criticism, which form the starting point of the author's Polylogical Process Model of (Elementary-)Philosophical Education (PPEE model). This interdisciplinary approach, which is based on the constructivist conceptual change/growth theory of Stella Vosniadou and William Brewer, attempts to add new perspectives to two central questions addressing the P4wC movement: first, can P4wC actually be called philosophy?; second, do children have the cognitive abilities to engage in philosophical discourse? In addition, the question arises as to which pedagogical considerations based on constructivist learning theory could be added to P4wC methodology? The aim of the interdisciplinary PPEE model is to build a broader scientific foundation that has the potential to reduce the main points of criticism of the P4wC movement.

keywords: philosophy for/with children; criticism; conceptual change/growth; constructivist theory; Polylogical Process Model of (Elementary-)Philosophical Education (PPEE).

-

¹ E-mail: andreas.hoeller@univie.ac.at, a.f.hoeller@gmail.com



modelo de proceso polilógico de la educación (elemental-)filosófica: un concepto interdisciplinario que integra la Filosofía para/con los niños en la teoría constructivista de cambio o crecimiento conceptual

resumen

Aunque el movimiento de la filosofía para/con los Niños (Fp/cN) parece haber superado dos grandes puntos de crítica, estos interrogantes críticos siguen presentes en la literatura actual. La primera pregunta se refiere a si la Fp/cN puede situarse en el campo de la filosofía y la segunda trata de averiguar si niñas y niños tienen las capacidades cognitivas necesarias para participar en el discurso filosófico. Uno de las recientes críticas a este movimiento es traída por Caroline Heinrich (2017, 2020a, 2020b), quién describe la Fp/cN como "un asalto a la filosofía y a niñas y niños" ("Ein Angriff auf die Philosophie und ein Angriff auf das Kind") y expone que la Fp/cN es "un concepto impuesto desde los adultos a niñas y niños" ("ein übergestülptes Konzept von Erwachsenen auf Kinder"). Asimismo, sostiene que la Fp/cN ignora "el pensamiento, cuestionamiento y el juego de niñas y niños". Además, Heinrich argumenta que la Fp/cN no se puede llamar filosofía porque niñas y niños no son capaces de filosofar. En su argumento, Heinrich se basa en la teoría de Piaget (1920) sobre el desarrollo cognitivo de niñas y niños. Aunque el discurso de la Fp/cN ya se ha ocupado de estas cuestiones en las últimas décadas, parece que todavía es necesario ciertas aclaraciones. El conjunto de debates relativos a estas preguntas no puede representarse en un solo artículo. No obstante, lo que intento es ofrecer una visión general de algunas de las principales críticas y argumentos que constituyen el punto de partida de mis propias consideraciones y que pueden encontrarse en mi modelo de Proceso Polilógico de Educación (Elemental-) Filosófica enfoque interdisciplinar, basado en la teoría constructivista cambio/crecimiento conceptual de Stella Vosniadou y William Brewer (1992), intenta añadir nuevas perspectivas relacionadas con las principales preguntas en el movimiento P4wC. En primer lugar, ¿se puede llamar filosofía a la Fp/cN?; en segundo lugar, ¿tienen niñas y niños las capacidades cognitivas necesarias para participar en un discurso filosófico?. Por otro lado, se plantea la pregunta de qué consideraciones pedagógicas basadas en la teoría constructivista del aprendizaje podrían añadirse. El objetivo del modelo interdisciplinario PPEE es construir una base científica más amplia que reduzca las principales críticas de sus detractores al movimiento de la Fp/cN (P4wC).

palabras clave: filosofía para/con niños; crítica; cambio/crecimiento conceptual; teoría constructivista; modelo del Proceso Polilógico Elemental Filosófico (PPEE).

modelo de processo polilógico de educação (elementar-)filosófica: um conceito interdisciplinar que integra a filosofia para/com crianças à teoria construtivista de mudança/crescimento conceitual

resumo

Embora o movimento de Filosofia para/com Crianças (Fp/cC) pareça ter superado as duas maiores críticas a seu respeito, essas questões ainda podem ser encontradas na literatura recente. A primeira pergunta é se a Filosofia para/com Crianças pode ser considerada um campo da filosofia; a segunda questiona se as crianças possuem as habilidades cognitivas

necessárias para participarem ativamente de um debate filosófico. Uma das mais recentes críticas sobre o movimento é o artigo escrito por Caroline Heinrich (2017, 2020a, 2020b), que descreve a Fp/cC como "um ataque à filosofia e às crianças" ("Ein Angriff auf die Philosophie und ein Angriff auf das Kind") e afirma que a Fp/cC é um "conceito imposto pelos adultos às crianças" ("ein übergestülptes Konzept von Erwachsenen auf Kinder"). Ela sustenta, ainda, que a Fp/cC ignora "o pensamento, o questionamento e o jogo infantil". Além disso, Heinrich afirma que a Fp/cC não pode ser chamada de filosofia, porque as crianças não são capazes de filosofar. Em grande parte de sua argumentação, Heinrich se refere à teoria de Piaget sobre os estágios de desenvolvimento cognitivo infantil. Apesar do discurso da Fp/cC já ter se ocupado dessas questões nas últimas décadas, ainda parece ser necessário certos esclarecimentos. O conjunto dos debates relacionados a essas perguntas certamente não pode ser ilustrado em um único artigo. Apesar disso, espero que esse trabalho ofereça uma visão geral das principais críticas e argumentações, que são o ponto de partida das minhas próprias considerações - que podem ser encontradas em meu modelo de Processo Polilogico de Educação (Elementar-)Filosófica (Modelo PPEE). Minha abordagem interdisciplinar, baseada na teoria construtivista de mudança conceitual de Stella Vosniadou e William Brewer (1992), busca acrescentar novas perspectivas para as principais questões do movimento de Fp/cC: primeiro, pode a Fp/cC ser realmente chamada de filosofia?; segundo, as crianças têm habilidades cognitivas para se engajarem em um debate filosófico? Em adição, surge a seguinte pergunta: "Quais considerações pedagógicas baseadas na teoria construtivista de aprendizagem poderiam ser acrescentadas?". O objetivo do modelo interdisciplinar PPEE é criar uma base científica ampla que reduza os principais pontos de críticas ao movimento de Fp/cC.

palavras-chave: filosofia para/com crianças; críticas; mudança/crescimento conceitual; teoria construtivista; modelo de Processo Polilógico de Educação (Elementar-)Filosófica (PPEE).



p4wc discourse

A significant number of international studies show the positive effects of P4wC on the cognitive, social and emotional development of children (Lipman, Bierman, 1980a; Haas, 1980; Williams, 1993; Sasserville, 1994; Fields, 1995; Sigurborsdottir, 1998; Trickey, Topping, 2004; Trickey, 2007; Fair, Johnson, Haas, Price, 2015; Helzel, 2018; Karadag, Demirtas, 2018).

UNESCO points out four key competences P4wC provides for children: first, the practice of independent thinking; second, knowledge of citizenship; third, the linguistic competences of speech and debate; and finally, the general positive effects on children's personality development. Thus, P4wC can also be viewed as a democratic model of elementary education (n.d., p. 36).

Nonetheless, critics often point out that the academic foundation of P4wC is in need of further development, as seen in Stephan Englhart (1997) and Michael Niewiem (2001). In my opinion, an interdisciplinary approach is necessary to achieve a broader academic foundation, and I agree with Englhart who demands an interdisciplinary theory based on psychological and pedagogical concepts.

My PPEE model aims at meeting this demand by creating an interdisciplinary approach to implement philosophizing with children and teenagers. Such a concept would add some impulses both in terms of the practical implementation of P4wC as well as in facilitating the comparison of research results in an international context.

The idea to provide an interdisciplinary approach goes back to Englhart's recommendation that P4wC concepts should be extended in the light of pedagogical and psychological findings. Following empirical research could prove the success of P4wC in a broader context (1997, pp. 175-178). Englhart concludes that one of the

biggest problems of children's philosophy is the missing interdisciplinary exchange (1997, p. 189).

Ever since Englhart's claims, some interdisciplinary projects on P4wC have already been worked on. However, as far as I know, none of them has tried to synthesize philosophical, psychological and pedagogical findings in a single framework that also includes the main criticisms of P4wC.

The main problem is that, internationally, the comparability of scientific studies on the issue is complicated by the diversity of various P4wC approaches, as can be seen in Englhart (1997, p. 185-186), Maughn Gregory (2017, p. 210) and Kerstin Michalik (2018, p. 27). This multitude of P4wC concepts makes a well-grounded academic criticism extremely difficult, which is why Gregory underlines the importance of using Lipman's original concept:

[...] this diversity presents several challenges to the P4C movement, perhaps the most important of which is the difficulty of comparing the relative merits of different approaches. (2017, p. 210)

In consideration of Gregory's idea, I suggest to combine Lipman's original P4C approach with my PPEE model. This would support Lipman's P4C concept while strengthening it with new philosophical, psychological and pedagogical considerations.

If future P4C and PwC approaches follow this lead in connection with the *conceptual change/growth* theory, it would make international studies more comparable in terms of the interdisciplinary thoughts I offer in this article. This, in turn would help to simplify and clarify this multi-faceted discussion.

One other issue that Englhart points out and which remains unresolved is the refusal of some critics to acknowledge the diversity of the P4wC movement (1997, p. 185-186). Caroline Heinrich (2017, 2020a, 2020b), for example, does not point out which specific P4wC approach she criticizes. As there is a wide range of P4wC modifications, my suggestion is to give them a linking element (the PPEE model) which offers better comparability for international studies and would give critics the tool to be more precise.



In order to build an appropriate interdisciplinary foundation, I would consider the ideas of constructivism, especially the *conceptual change/growth* theory of Stella Vosniadou and William Brewer (1992). Constructivist ideas already have an interdisciplinary focus, as they combine the fields of pedagogy, psychology, philosophy, and sociology, as Kersten Reich (2006, p. 83) points out. The natural connection between the constructivist learning theory and its practical implementation is one of the main reasons why I suggest combining P4wC with the constructivist approach.

My interdisciplinary PPEE model tries to give some initial ideas for such a course. It has been developed along three major research areas: First, the question of whether philosophizing with children can actually be called philosophy. Second, the question of whether children do really have the cognitive abilities to engage in philosophical discourse. Third, the question about which scientific pedagogical considerations could be added.

can philosophizing with children actually be called philosophy?

Since philosophy is usually associated with extremely complex thought processes that can only be accomplished by adults, the debate about whether philosophizing with children can actually be called philosophy is still to be found in the literature.

Heinrich (2017, 2020a, 2020b) for example argues that P4wC is "an assault on philosophy and an assault on children" because children have the right not to understand certain things (2017, p. 163). She concludes that adults try to see children's statements in a philosophical way and this satisfy their own need for reflection through children. Therefore, P4wC is "an imposed concept from adults on children" ("Übergestültptes Konzept von Erwachsenen auf Kinder") which she strictly refuses to call philosophy (2020a, p. 35).

Going back to Lipman's original P4C concept, I suggest that he understood it as an encouragement for children/teens to think for themselves. Heinrich's positioning on P4wC could be contradicted by following Lipman's argumentation. He criticized the US school system of the 1970s for declassing children as objects of knowledge transfer. An imposed teaching concept as Heinrich ascribes, was not Lipman's intention: "What the teacher must certainly abstain from is any effort to abort the children's thinking before they have had a chance to see where their own ideas might lead" (1980b, p. 45). Lipman states: "The conception of the educated child as a knowledgeable child will have to give way to one in which the educated child is conceived of as knowing, understanding, reasonable and judicious" (1994, p. 66).

The question "But is it Philosophy?" is one the international philosophy café also deals with. Michael Picard (2015), who claims to have no P4wC background, points out that some P4wC concepts still have to clarify more accurately why they can relate their specific concept to the field of philosophy. He also praises the *Vancouver Institute of Philosophy for the Advancement of Philosophy for Children* as a good model because they developed a five-step program to legitimate P4wC as an assignment in philosophy. Picard however, indicates that other P4wC concepts still have to focus on this question more closely (2015, p. 166-167).

In recent decades, there have been several positions concerning the question of whether P4wC can be placed in the field of philosophy. Barbara Weber and Susan Gardner (2009), for instance, argue that by philosophizing with children we use the Socratic method which was developed by Socrates who clearly was a philosopher (2009, p. 26).

Other main positions state that P4wC can be called philosophy because of 1) its philosophical topics, 2) its philosophical methods, and 3) its philosophical questions that, in turn, need philosophical considerations. This includes the demarcation from other forms of discussion.

Furthermore, it is necessary to specify the distinction between the term 'philosophy' and the term 'philosophizing.'



Let me start with (1) its philosophical topics: P4wC distinguishes itself by the topics that have been discussed throughout the history of philosophy, such as justice, happiness, obligation, freedom, and responsibility. Lipman et al. underline this by referring to the philosophical discourses on the unsolved existential questions that have been discussed since ancient times (1980b, p. 25). According to Lipman et al., philosophical questions asked by children are generally related to the disciplines of Logic, Metaphysics, or Ethics (1980b, p. 36).

Let me now move to (2) its philosophical methods: yy practicing P4wC, children use philosophical methods. Lipman, Sharp and Oscanyan name, e.g., thought experiments (1980b, p. 65).

Next (3), we have to distinguish between philosophical and non-philosophical questions and discussion: As we all know, Lipman wrote that "Children begin to think philosophically when they begin to ask why" (1978, p. 35). Englhart (1997, p. 66) and UNESCO (n.d., p. 37) counter that this does not suffice to call it philosophy. But if you read Lipman, Sharp and Oscanyan closely, their argumentation goes on by saying that there are two forms of why-questions. One that asks for *causal explanation*, children want to know explanations of phenomena, e.g., why fire burns. On the other hand, there are why-questions that want to *determine a purpose*, e.g., why do we have bridges over a river. Some why-questions can be seen as "wondering at the world" and as starting points of philosophical considerations (1980b, p. 58-59). Lipman, Sharp and Oscanyan also argue that one can only talk of a philosophical discussion when it leaves the personal and moves on to the general, abstract level. Lipman et al. stress here that a personal issue can be a starting point for a philosophical discussion (1980b, p. 17), but they warn against turning it into a therapeutic conversation. Instead, topics should be discussed on a meta-level (1980b, p. 90-91).

In addition, Lipman, Sharp and Oscanyan remind us that one must distinguish between scientific, religious, and philosophical discussions, clarifying that by saying that "from an educational point of view, scientific discussion and religious discussion

are separate things and should not be confused with philosophical discussion" (1980b, p. 108).

Topics of the natural sciences are based on facts and can be empirically proven. Religious beliefs usually remain unquestioned. A philosophical discussion is usually based on a reflection of personal assumptions (1980b, p. 106-107). Therefore, according to Lipman, philosophical discussion takes over where natural scientific and religious discussions leave something open, (Lipman et al., 1980b, p. 104).

Let us now turn to the next point, which deals with the distinction between 'philosophy' and 'philosophizing'. A differentiation of both terms is necessary according to Karen Murris (2000) and Niewiem (2001). In the German discourse, this debate was already started in the 1980s by Barbara Brüning (1985, p. 8-30), and it was later taken up by the American discourse of children's philosophy as well. To quote Murris:

The debate continues but is often complicated by the confusion between "doing" philosophy as a subject – that is, studying the ideas of the world's great thinkers since the Greeks – and "philosophizing", thinking about any question in a philosophical way. The debate is complicated further by disagreement over what the term "philosophy" means. (2000, p. 261).

Therefore, UNESCO recommends establishing an appropriate term concerning philosophy with children based on their level of development and even demands a new definition of the term philosophy (n.d., p. 37). For this demand Lipman (1984) already suggested that we think of philosophizing with children in terms of a broader definition of philosophy. Lipman talked about various philosophical styles, and one is specifically tailored to children (1984, p. 3-4). Ekkehard Martens (2017), e.g., compares it to the different levels in sports. We have people who practice sports on an amateur level and others who do it as professionals. This can be transferred and compared with non-professional philosophers and professional academic philosophers (2017, p. 23).

Let me now give you my position on the question of whether P4wC can be placed in the field of philosophy: from my point of view, P4wC can be considered a model of early encouragement to philosophize on an elementary level and a kind of



"proto philosophy" that prepares young learners for a future engagement with academic philosophy or just simply for life.

Englhart (1997, p. 190) and Murris (2000, p. 267) also see P4wC as an early form of doing philosophy and a bridge to adult philosophy. Even Richard Kitchener (1990) who criticizes P4wC partly approves of this idea, but he asks for a more precise wording (1990, p. 75), since, according to him, critical thinking does not necessarily equal philosophizing (1990, p. 68). Kitchener recommends the classification of P4wC as a preform of concrete philosophizing that must be distinguished from academic philosophizing. Brüning also distinguishes between academic (esoteric) philosophy and non-academic (exoteric) philosophy and places P4wC in the non-academic field (1985, p. 3). Kitchener goes on by saying that these two fields show some family resemblance, which is why he approves of calling it philosophizing (1990, p. 74).

With regard to Kitchners' "family resemblance" I would like to refer to Ludwig Wittgenstein (2006 [original 1953]), who was a member of the "Viennese circle" ("Wiener Kreis"). In his linguistic-philosophical approach, he states that our thoughts are determined by language, which can lead to confusion, if terms are unclear. As an example, he mentions the word for "games": there are board games, card games, and battle games, which are all types of games but have few apparent similarities (2003, p. 247-248). I believe that philosophizing with children can be understood in a way similar to Wittgenstein's concept of "family resemblance" ("Familienähnlichkeiten"): certain points are already comparable to academic philosophizing and others need to mature and be further developed first.

Let us compare that to early mathematical or musical education. It is obvious that children are not professional musicians, nor are they mathematicians, but we can give them early encouragement by teaching them the appropriate basic skills. To quote Murris: "After all, primary school children do not 'do', for example, mathematics or history as capably as professional mathematicians or historians. Does it, therefore, follow that either they do not engage in 'real' mathematics or 'real' history, or that they should not do those subjects?" (2000, p. 263)

All those considerations have given me the idea of placing P4wC in an overlapping structure between academic (esoteric) philosophizing, as seen in the left circle, and early educational (exoteric) philosophizing, as seen in the right circle.

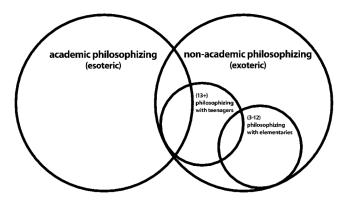


Figure 1: positioning philosophizing with elementary students and teenagers in the field of non-academic and academic philosophizing

Academic philosophizing is placed in the left circle and philosophizing outside academia is placed in the right circle. P4wC is generally centered in the field of non-academic philosophy. In addition, I suggest distinguishing between philosophizing with elementary students (3-12 years of age) and philosophizing with teenagers (from 13 years of age and up). As you can see, there are overlapping areas. The older learners become, the more overlapping with academic philosophizing can be found since the thought processes of teenagers become more and more complex, and texts of "great philosophers" can be part of their philosophical discussions.

This age differentiation should not be seen too strictly; it is meant to be taken as a guideline. To be clear, my suggested age differentiations do not ignore the fact that some young children can already reach a high intellectual maturity. In fact, it also depends on the quality of P4wC discussions that children and teens have already experienced or whether they have had a chance to be part of a P4wC discussion at all. Factors of socialization seem to play an important role in the cognitive development of children, as the next part of this article tries to show.



do children have the cognitive abilities to engage in philosophical discourse?

For a long time, critics of P4wC used Piaget's theorem to show that children are not able to engage in philosophical discourse and this argumentation can still be found.

Kitchener (1990) can be named as one major critic in the past, and Heinrich (2017, 2020a, 2020b) is more recent. Both used Piaget to argue that children under the age of 12 are not able to philosophize.

Heinrich classifies P4wC as an "ignorance concerning children's thinking, questioning and play" (2017, p. 163-170; 2020b, p. 111-119). Piaget's own critical positions concerning children and philosophy can be read in Heinrich's anthology. It is highly interesting that Piaget himself also mentions that children around five years of age do already ask existential questions such as – "Who created the sun, earth and the air?" "Where does thunder come from?" (Piaget, 2020, p. 49 [original 1931]).

Concerning Gareth B. Matthews (1991, 1993) counter-arguments on Piaget's theory, Heinrich argues that Matthews is not able to criticize Piaget and she blames Matthews disinterest in children's thinking (Heinrich, 2020a, p. 32).

I firmly believe that the question whether children have the cognitive abilities to engage in philosophical discourse is an important one. But it must be discussed under the consideration of current psychological findings. Until now Piaget's theory has almost been negated in the P4wC discourse, as Englhart (1997, p. 188) and Heinrich (2020b, p. 113) state. Therefore, I think that there is insufficient academic dispute concerning Piaget's findings to come to a qualified academic conclusion on the topic.

I strongly believe that Piaget's theorem with regard to P4wC must be analyzed with caution because his theory has been criticized and disproved by many. I would like to highlight the following critics: Let me begin with Beate Sodian (2012) who sums up that the cognitive performance of children cannot be displayed by using cognitive stages correlating with their ages because there is a bigger variability than

Piaget claims. Furthermore, Sodian says that Piaget highly underestimates the cognitive performance of babies, toddlers, and children (2012, p. 390).

Let me now move on to the second critic, John Favell et al. (1977), who refute Piaget's theory of children's egocentrism. Favell et al. showed in various studies that four to five year-old children can put themselves in someone else's position (in Sodian, 2012, p. 391-392).

Next, I would like to refer to David Cohen (2018) who shows that the ability to change perspectives can even be achieved by children who are about three years old (2018, p. 270). Instead of talking about stages, he suggests looking at cognitive development as overlapping waves (2018, p. 47-48). Marie-France Daniel and Mathieu Gagnon (2005) also demonstrated that children from an age of four can extend their abilities to think from an egocentric perspective to dialogical-critical thinking (2005, p. 77).

Finally, I would like to present the perspective of Ernst von Glaserfeld (2015, p. 83) and Cohen (2018, p. 422-423). They criticize Piaget's model of stages, which was almost exclusively based on the results of research done on his own three children. They found that when testing larger groups or children of different cultures, Piaget's assumptions could not be verified. Their main conclusion is that factors of socialization can either positively or negatively influence the cognitive development of children.

In my opinion, we also should not forget that Piaget's children had no philosophical experience whatsoever before being researched. A lot of international studies done in the past 50 years show that children's cognitive abilities rise in a measurable way by philosophizing. Steven Trickey (2007), e.g., showed that a person's IQ rises because of early philosophizing about 6 points and has an enormous impact on developing children's skills, especially when it comes to children who have no access to proper schooling (2007, p. 285). Furthermore, children benefit from the practice of philosophizing in many ways, even if they only had a one-year course in philosophy, as Trickey points out (2007, p. 260).



Thus, it is clear that the research on P4wC projects supports the argument that children younger than 12 do have the preconditions to philosophize. One ability needed is to put oneself in someone else's position.

I believe we should consider the constructivist *conceptual change/growth* theory of Vosniadou and Brewer (1992), which addresses certain shortcomings of Piaget's theory. Embedding the conceptual change/growth theory into P4wC-Piaget-discussion could help to discuss this topic in light of more recent cognitive psychological findings. It gives us new perspectives as to why and how children can engage in philosophical discourse. My PPEE model presented here is based on the conceptual change model. Vosniadou and Brewer came to their conclusions by asking children how they perceived the world: Their data show that young children offered their intuitive conceptions, e.g., that the world was flat. Older and/or more educated children offered hybrid ideas - "synthetic models" - of the world consisting of a ball and a surface. Even older children recognized the world as what it is (1992, p. 549-575).

This model was named *conceptual change/growth* and was confirmed by further research. This theory became extremely successful in the field of natural science education. But even if its fundamental role for learning and children's cognitive development has been discussed primarily in the context of (natural) science education, there is increasing interest coming from other disciplines as well, e.g., for the teaching of psychology see Maria Tulis (2020, p. 162-175).

Similar considerations to those of Vosniadou & Brewer (1992) can also be found in the humanities, e.g., in connection with Johannes Rohbeck's "Proto-Philosophy" (2016) or with Hans-Georg Gadamer's work: "Fusion of horizons" ("Horizontverschmelzung", 2010).

Synthesizing all those findings allows me to distinguish three distinct phases in my PPEE model: In phase I (individual perspective), children's proto-philosophical ideas are presented. In phase II (extended perspective), these early ideas develop into

synthetic-philosophical concepts due to their argumentative discussions. In phase III (differentiated perspective), those concepts finally lead to basic philosophical notions.

Contrary to natural sciences, where the aim is to reach a "state of the art" knowledge, philosophizing with children and teens aims to extend their individual perspectives in relation to a philosophical topic. This process is presented in Figure 2.

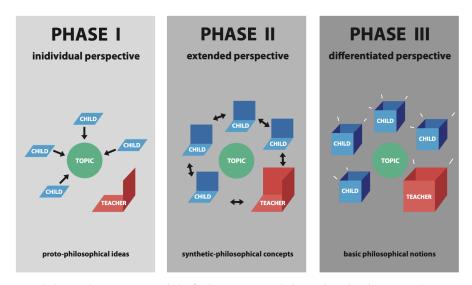


Figure 2: Polylogical Process Model of Elementary-Philosophical Education (PPEE model)

In summary: in phase one, children picture their individual points of view concerning a philosophical topic. In the next step, phase two, the teacher guides through a polylog by asking impulse questions and summarizing points of their perspectives. The children exchange their views, and then question and discuss them.

In the course of the PPEE model, there is an argumentative process where children develop extended and differentiated positions concerning a philosophical topic by using philosophical methods. This finally leads into phase three where the children present their basic philosophical notions.

Based on the work of Eva Zoller-Morf (2011), Thomas Jackson and Ashby Burnor (2017), I suggest negotiating conversation rules with children or teens before starting the philosophical discussion and evaluating the rules at the end of each discussion with the learners.



Let me clarify some terms used in the PPEE model. I would like to start with the term *polylog*. I use this term in the meaning of Franz Martin Wimmer (2003). He invented this term in his conception of intercultural philosophy by practicing a polylog as a concept of equal discussions between different cultures. For me, the term fits in my PPEE model for two reasons. First, children often have different cultural backgrounds and so P4wC can be seen as an intercultural exchange. Second, P4wC is generally understood as a discussion setting that gives each speaker equal rights to talk.

Let us now take a look at the term *proto-philosophy* which goes back to Johannes Rohbeck's (2017) idea of giving learners a starting point to philosophy by incorporating their personal ideas and experiences about a topic before reading and discussing ideas of philosophers (2017, p. 105-106). However, *proto-philosophy* should not be confused with "not yet philosophy". It only stresses the constructivist idea of learning that children's and teenager's preconceptions should be included to successfully connect with new knowledge. Rohbeck's constructivist teaching ideas seem to be appropriate concerning my constructivist PPEE model.

pedagogical considerations

Let us now turn to the following question: Which scientific pedagogical considerations could extend the P4wC concept related to the ideas of the PPEE model?

Gerd Schäfer (2011, p. 83-86) and Silke Pfeiffer (2013, p. 23) demand learning settings for children that provide learning possibilities with no restrictions ("möglichkeitsoffene Lernsettings"). Therefore, Pfeiffer recommends doing P4wC already at around 5 years of age.

To reach this goal - "open learning space" -, I suggest the recent considerations of the constructivist learning theory, whose precursors are John Dewey, Piaget, and Lev Vygotsky. Those pedagogical references should broaden the pedagogical approach to doing P4wC. It must be said that constructivist ideas have always been

part of Lipman's P4C concept. Here I want to stress some of the current constructivist deliberations presented by Vosniadou (2001), to connect them with P4wC through my PPEE model. Those considerations could be a starting point for the PPEE framework to compare future international studies in the field of P4wC.

The first idea is to integrate new knowledge into an already existing structural framework. Prior knowledge is essential in both the area of constructivist learning and also in the field of philosophizing with children, as Lipman et al. (1980b), Englhart (1997), Käte Meyer-Drawe (1996), Martens (2007) and Pfeiffer (2013) point out. At the beginning, the teacher can ask the students about their individual points of view – as can be seen in my PPEE model "phase I" – and during the discussion – "phase II" – they broaden their conceptions about a philosophical topic. This leads to the second point which demands that prior knowledge should be reconstructed. Through this constructivist process, students can reflect on their intuitive ideas about a certain topic. Therefore, they must be given enough time to reconstruct their preconceptions. Both considerations go along with the third point of engaging in self-regulation and being reflective.

Furthermore, *learning should involve strategic learning*. During this process, the teacher can be a role model for, e.g., how to form hypotheses or how to form logical argumentations, which can happen directly by giving comparisons and examples or indirectly by asking critical questions. This is especially important for beginners, but there is a fine line between guidance and giving children/teens the time and chance to think for themselves.

Next, memorizing is not as important as understanding the content. P4wC discussions are based on talking about points of view, explaining reasons, giving examples and counter-examples, or developing analogies.

In addition, context should be transferred into real-life situations which should happen by taking time to practice. Here, for example, we could walk out of a P4wC discussion and connect with "real life" (ask others about their definition of freedom) and discuss this later at school within the constructivist process of the PPEE model.



Furthermore, as I already suggested, age-appropriate considerations are needed but are often hard to find in the literature, as Englhart (1997, p. 18, p. 33, p. 188), Niewiem (2001, p. 87), Brüning (2008, p. 44) and Heinrich (2020a, p. 152) indicate. To get well-grounded age differentiations, I suggest making the terminology more precise: We have Elementary-Philosophical Education with children from around 3-12 years of age (figure 2) called *Philosophy for/with Elementary* (P4wE) and we have Philosophical Education with teenagers (figure 4) called *Philosophy for/with Teenagers* (P4wT) from around 13 years of age upwards.

Designation	Age groups	Terms
Elementary-Philosophical Education	3-12	P4wE
Philosophical Education	13+	P4wT

Figure 3: age differentiated terminology (seen as guidance, not strictly defined)

Elementary-Philosophical Education and Philosophical Education bridge the divide to adult philosophy, similar to other fields like education in natural sciences, early sport or music education.

Transmitting philosophical content through philosophical novels, as Lipman and his team suggest, makes sense for both children and teenagers. My suggestion here is to incorporate quotes and texts of "great philosophers" by philosophizing with teenagers. Teenagers are more experienced with P4wC (if they had the chance to get such an education) and do in general have a broader understanding of the world, so perspectives of "great philosophers" could nurture their philosophical dialogs. That's why you can see the book in phase two in figure 4. In addition, they get used to the language of ancient philosophers which will help them to read and understand their writings. Let us compare that to other fields teenagers become familiar with. For example, the evolutionary theory. Teenagers learn that it was developed by Charles Darwin. Teachers' quoting some of Darwin's important theses or text passages and are revering to some of his findings. Lipman, Sharp and Oscanyan do not stress this

idea of referring to "great philosophers" too much. They only recommend incorporating ideas of philosophers if this contributes to children's/teenager's increased understanding of the concepts (1980b, p. 83-84).

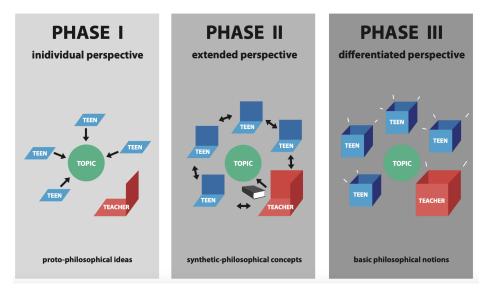


Figure 4: Polylogical Process Model of Philosophical Education (PPPE model)

Let me now talk about the two relevant approaches concerning my suggested age differentiation. As Lipman and others have suggested, the topics chosen must be closely related to children's and teens' personal experiences. From my point of view, this can happen in two ways: either the topics can be proposed to the children or are given through the curriculum, or "real life" situations can be used as the basis for philosophical discussions. I would call the last idea a "situational approach" ("Situationsansatz"). Let me give you an example: It is Monday morning, and every Monday each child can bring a personal toy to their kindergarten group. The teacher observes that one child does not want to share their toy and therefore a conflict starts. As a professional, you check if the children can solve the conflict on their own. If not, the teacher intervenes in a supportive way. Later this conflict situation can be used in a discussion from a philosophical point of view concerning the topic of justice. The question that could be asked: Must we share personal belongings? The older children



get the more they get involved, e.g., by choosing the topics, and even teenagers, as I already mentioned, can furthermore be confronted with texts of philosophers.

conclusion

By applying the PPEE model, which unites the findings of various fields, my approach opens up perspectives to create a broader interdisciplinary scientific foundation of the P4wC movement.

Therefore, the PPEE model must be understood as a framework to link different P4wC approaches with the goal of providing them with a broader interdisciplinary and constructivist basis that includes philosophical, psychological, and pedagogical findings. Implementing this interdisciplinary approach could facilitate the comparability of international studies which are based on diverse P4wC concepts. This comparability could be achieved on an international level by connecting the philosophical, psychological, and pedagogical perspectives through the implementation of the PPEE framework I have presented in this article. It is my hope that this will advance the field of P4wC studies by leading to the clarification of certain points of contention and paving the way for more constructive criticism in the long run.

Considerations of the third P4wC generation, as Viktor Johansson (2018) describes it, were to include gender, race, class, and cultural context by philosophizing with children and teens. My article may give initial ideas for a possible fourth wave of the P4wC movement that includes the ideas of the *conceptual change/growth* theory as a uniting framework and recent ideas of the constructivist philosophy of education.

references

Brüning, Barbara. (1985). Philosophieren mit sechs- bis achtjährigen Kindern in der außerschulischen Erziehung. Überlegungen zu einem handlungsorientierten Ansatz unter Berücksichtigung praktischer Erfahrungen. Dissertation.

- Brüning, Barbara. (2008). Was ist ein Traum? fragt Jonas. Praktische Vorschläge zum Philosophieren im Kindergarten. In Zeitschrift für Didaktik der Philosophie und Ethik. Philosophieren mit Kindern III. 1/2008, 44-47.
- Cohen, David. (2018). How the child's mind develops. Third Edition. Routledge.
- Daniel, Marie-France & Gagnon, Mathieu. (2005). Development Process of Dialogical Critical Thinking in Groups of Pupils Aged 4 to 12 Years. *Creative Education*, 2(5), 418-428.
- Englhart, Stephan. (1997). Modelle und Perspektiven der Kinderphilosophie. Agentur Dieck.
- Fair, Frank; Johnson, Dahne; Haas, Lory & Price, Debra. (2015). Socrates in the schools: Gains at three-year follow-up. *Journal of Philosophy in Schools*, 2(2), 5-16.
- Fields, Joyce. (1995). Empirical data research into the claims of using philosophy techniques with young children. *Early Childhood Development and Care*. 107, 115-128.
- Gadamer, Hans-Georg. (2010). Wahrheit und Methode. Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik. Band (1). Gesammelte Werke. Mohr Siebeck.
- Gregory, Maughn. (2017). Philosophy for children. Where are we now? In Saeed Naji, Rosnani Hashim (Eds.), *History, Theory and Practice of Philosophy for Children. International Perspektives* (207-221). Roultledge.
- Haas, Hope. (1980). Experimental Research in Philosophy for Children. Appendix B. In Matthew Lipman, Ann Margaret Sharp, Frederick Oscanyan. *Philosophy in the classroom* (2nd Ed, 217 -224). Tempel University Press.
- Heinrich, Caroline. (2017). Philosophieren mit Kindern eine Kritik in kooperativer Absicht. In Jan Woppowa, Tuba Isik, Katharina Kammayer, Peters, Bergit (Hrsg.). Kooperativer Religionsunterricht. Fragen Optionen Wege. Band 20 Religionspädagogik innovativ. Kohlhammer, 154-178.
- Heinrich, Caroline. (2020a). Kinderphilosophie ohne Entwicklungspsychologie. Matthews 'Philosophieren mit Kindern' und seine Kritik an Piaget. Caroline, Heinrich, Daniela Berner-Zumpf, Michael Teichert. Alle Tassen fliegen hoch. Eine Kritik der Kinderphilosophie. Beltz Juventa, 28-39.
- Heinrich, Caroline. (2020b). 'Philosophieren mit Kindern` ein Angriff auf das Kind. In Caroline Heinrich, Daniela Berner-Zumpf, Michael Teichert. Alle Tassen fliegen hoch. Eine Kritik der Kinderphilosophie. Beltz Juventa, 102-126.
- Helzel, Gudrun. (2018). Kindliche Entwicklungsprozesse beim Philosophieren mit Kindern. Eine empirische Studie zu Ungewissheit und Mehrperspektivität. Budrich UniPress.
- Jackson, Thomas & Burnor, Ashby. (2017). *Philosophy for Children. Hawaii P4C. The Start-up Kit*[©] *Lessons for Beginngers* (3rd Ed.). Unterlagen von Dr. Jackson zur P4C-Trainerausbildung.
- Johansson, Viktor. (2018). Philosophy for Children and Children for Philosophy: Possibilities and Problems. In Paul Smeyers (Ed.), *International Handbook of Philosophy of Education. Springer International Handbooks of Education* (1149-1161). Springer.
- Karadag, Filiz & Demirtas, Vesile Yldiiz. (2018). The Effectiveness of The Philosophy with Children Curriculum on Critical Thinking Skills of Pre-School Children. In *Education and Science*, 43(195), 1-22.
- Kitchener, Richard. (1990/2020). Denken Kinder philosophisch? In Caroline Heinrich, Daniela Berner-Zumpf, Michael Teichert. *Alle Tassen fliegen hoch! Eine Kritik der Kinderphilosophie* (57-75). Beltz Juventa..
- Lipman, Matthew. (1978). Philosophy in the Classroom. Temple University Press.
- Lipman, Matthew. (1984). Über den philosophischen Stil von Kindern. Zeitschrift für Didaktik der Philosophie. Schroedel, 1, 3-11.



- Lipman, Matthew. (1994). Philosophy: Educational programs. In Daniela Camhy (Hg): Children: Thinking and Philosophy Das philosophische Denken von Kindern. Kongreßband des 5. Internationalen Kongresses für Kinderphilosophie (13-24). St. Augustin.
- Lipman, Matthew, Bierman, John. (1980a). Appendix B: Experimental Research in Philosophy for Children. In Matthew Lipman, Ann Margaret Shar, Frederick Oscanyan. *Philosophy in the classroom* (2nd Ed., 217-224). Tempel University Press.
- Lipman, Matthew; Sharp, Ann Margaret, Oscanyan, Frederick. (1980b). *Philosophy in the classroom*. (2nd Ed.). Tempel University Press.
- Martens, Ekkehard. (2007). Philosophie als Unterrichtsfach und Unterrichtsprinzip. In: Karlfeidrich Herb, Siegfried Höfling, Roswitha Wiesheu. (Hrsg.), Kinder philosophieren. Argumente und Materialien zum Zeitgeschehen (131-141) (Teil) 53. Akademie für Politik und Zeitgeschehen.
- Martens, Ekkehard. (2017). Methodik des Ethik- und Philosophieunterrichts. Philosophieren als elementare Kulturtechnik. 10. Auflage. Seibert Verlag.
- Matthews, Gareth B. (1991). Denkproben. Philosophische Ideen jüngerer Kinder. Freese.
- Matthews, Gareth B. (1993). Philosophische Gespräche mit Kindern (2. Auflage). Freese.
- Meyer-Drawe, Käte. (1996). Vom anderen lernen. Phänomenologische Betrachtungen in der Pädagogik. Klaus Schaller zum siebzigsten Geburtstag. In Malte Brinkmann (Hrsg.), Deutsche Gegenwartspädagogik (85-98). Schneider Verlag Hohengehren.
- Michalik, Kerstin. (2018). Empirische Forschung zu Wirkungen des Philosophierens mit Kindern auf die Entwicklung von Kindern, Lehrkräften und Unterricht. In Heike De Boer & Kerstin Michalik (Hrsg.). *Philosophieren mit Kindern Forschungszugänge und -perspektiven* (13-32). Budrich.
- Murris, Karin. (2000). Can children do philosophy? *Journal of Philosophy of Education*. 34 (2), 261-279.
- Niewiem, Michael. (2001). Über die Möglichkeiten des "Philosophierens mit Kindern und Jugendlichen" Auffassungen aus zweieinhalb Jahrtausenden. Ethik im Unterricht Band I. Waxmann.
- Pfeiffer, Silke. (2013). Reformpädagogische Konzepte. Geschichte und Theorie der Frühpädagogik. Frühe Bildung und Erziehung. Vandenhoeck & Ruprecht.
- Piaget, Jean. (2020). Die Philosophie der Kinder. In Caroline Heinrich, Daniela Berner-Zumpf, Michael Teichert, Alle Tassen fliegen hoch. Eine Kritik der Kinderphilosophie (40-56). Beltz Juventa.
- Picard, Michael. (2015). But is it Philosophy? Critical Reflections on Social Reasoning and Café Philosophie. In Aleksandar Fatic, Lydia Amir (Ed.), *Practicing Philosophy* (163-181). Cambridge.
- Rohbeck, Johannes. (2016). *Didaktik der Philosophie und Ethik*. (4., erweiterte Auflage). Dresden.
- Reich, Kersten. (2006). Konstruktivistische Didaktik. Lehr- und Studienbuch mit Methodenpool. Beltz.
- Sasserville, Michel. (1994). Selfesteem, logical skills and philosophy for children. *Thinking*, 4(2), 30-32.
- Schäfer, Gerd. (2011). Was ist frühkindliche Bildung? Kindlicher Anfängergeist in einer Kultur des Lernens. Juventa.
- Sigurborsdottir, Ingibjörg. (1998). Philosophy with children in Foldaborg. Development project in Foldaborg, a preschool in Reykjavik for children from 1-6 years. *International Journal of Early Childhood*, 30(1), 14-16.

- Sodian, Beate. (2012). Denken. In Wolfgang Schneider, Lindenberger Ulmann, (Hrsg.). Entwicklungspsychologie. (7, vollständig überarbeitete Auflage) (385-411). Beltz Verlag.
- Trickey, Steve & Topping, Keith. (2004). 'Philosophy for children': a systematic review. *Research Papers in Education*, 19(3), 355-380.
- Trickey, Steve. (2007). An evaluation of philosophical enquiry: a process for achieving the future curriculum? *Gifted Education International* (258-265). Academic Publishers.
- Tulis, Maria. (2020). "Konzeptverändernde Psychologiedidaktik Eine Fortführung der Überlegungen von Seiffge-Krenke." In Paul Geiß, Maria Tuils (Hrg.), Psychologie unterrichten. Fachdidaktische Grundlagen für Deutschland, Österreich und die Schweiz (158-186). Budrich.
- UNESCO. (n.d.) *Philosophieren eine Schule der Freiheit. Philosophieren mit Kindern weltweit und in Deutschland.* Deutsche UNESCO-Kommission. MedienHaus Plump GmbM.
- von Glaserfeld, Ernst. (2015). Theorie der kognitiven Entwicklung. Das Werk Jean Piagets Einführung in die Genetische Episteminologie. In Bernhard Pörksen (Hrsg.). *Schlüsselwerke des Konstruktivismus*. Springer.
- Vosniadou, Stella & Brewer, William F. (1992). Mental Models of the Earth: A Study of Conceptual Change in Childhood. *Cognitive Psychology*, 24, 535-585.
- Vosniadou, Stella. (2001). How children learn. Educational Practives Series 7. UNESCO/IBE.
- Weber, Barbara & Gardner, Susan T. (2009). Back to the Future in Philosophical Dialogue: A Plea for Changing P4C Teacher Education. *Analytic Teaching and Philosophical Praxis*. 29 (1), 25-30.
- Williams, Steve. (1993). Evaluating the effects of Philosophical Enquiry in a secondary school. Village Community School Philosophy for Children Project. Derbyshire County Council.
- Wimmer, Franz Martin. (2003). Interkulturelle Philosophie: Eine Einführung. UTB Verlag.
- Wittgenstein, Ludwig. (2006). Tractatus Logico-Philosophicus. Wekrausgabe Band 1. Tractatus logicus-philosophicus. Tagebücher 1914-1916. Philosophische Untersuchungen. Shurkamp Taschenbuch.
- Zoller-Morf, Eva. (2011). Selber denken macht schlau. Philosophieren mit Kindern und Jugendlichen. Anregungen für Schule und Elternhaus. (2. Auflage). Zytglog.

submitted: 20.09.2022

approved: 21.03.2023